

A PEROLA

Folha litteraria bi-mensal dedicada ao bello sexo.

Directores — JOÃO BAPTISTA BAYEUX e MARIO TREVÕES DE PINHO.

Redactor-Gerente — MOACYR MAIA.

Redactor-Secretario — ANTONIO S. JARDIM.

ANNO I

S. PAULO — 18 de Agosto de 1899.

NUMERO 4

QUANTO DÓE UMA SAUDADE

Ao JOÃO BAYEUX.

Tocavas—*Quanto dóe uma saudade.*

A tarde esmaecendo, parecia beijar a terra, mas em um osculo triste como um adeus de poeta.

Além o murmúrio vago do Parahyba avivava a tristeza das funebres baladas que as almas empaldecidas pela descrença, cantavam no sólio intimo da consciencia... O gemer da selva era apaixonado e languido, e o mysterioso olôr que saturava o espaço unido as sonoras notas vibradas pelos setineos dedos de tua mão de deusa, elevam-se aos céos como uma oblação a Deus.

E eu, levado ao setimo céu, ao céu dos namorados, céu que a phantasia dos corações creanças transforma em phantastico odêo, ouvia, mas não sentia—*quanto dóe uma saudade.*

* *

Hoje, extraviado na solidão, eu medito á beira dos lagos que a brisa de mansinho encrespa, e afflicto anceo sem te ver formosa.

A luz serena do sol poente espreguiçando num céu de opala, o farfalhar monotono e tranquillo das coqueiraes vestutos e as ligeiras brumas do crepusculo indolente, invadindo pouco a pouco as urzes das montanhas, despertam-me uma impressão saudosa daquellas tardes idas em que uma scentelha de teu olhar divino flamejava-me o coração e alentava-me a alma.

E quando um passarinho passa volitando alegre, eu digo:— O' avesinha célere, mensageira v're, agita a plumagem branca, corre á cidade e diz áquella moça de cabellos loiros... não precisa descrever a deusa, é a mais bella denfre todas... diz-lhe que minha alma anceia... e o passarinho foge, o sol se esconde, a brisa pára, os riachos rumurejam, a noute chega, a natureza dorme... e eu sinto mas não ouço—*quanto dóe uma saudade.*

MOACYR MAIA.

ANGELO

Á MARIO TREVÕES DE PINHO.

O mar estava calmo.

Lá das bandas do Oriente, no extremo horizonte das aguas, o immenso pharol da natureza lançava o oceano adormecido com o oiro coriscante de suas flexas.

Na bahia de Genova, resplandecente de belleza, um vapor italiano que trazia immigrants para a America, levantou ferro á voz do capitão, e deslisou com toda sua monstruosidade, sulcando as azulinas aguas do mediterraneo.

Lá ao longe as alvadias vélas dos pescadores, que corriam sobre o mar, similhavam á brancas azas de brancos cysnes.

E o navio avançava sempre mar em fóra, para em breve se achar em pleno Oceano, entre ceus e aguas unicamente.

* * *

Dentre os passageiros do navio, havia um pobre Genovez, alto, magro, os olhos profundamente encovados e com a cabeça nevada por soffrimentos, talvez;—tossia muito e tinha no olhar uma vaga tristeza—uma dôr occulta.

Atacado por uma tísica pulmonar, vinha buscar melhoras no escaldante clima do Brazil. Trazia consigo uma criança de 15 annos, unico filho que lhe deixára a esposa idolatrada,—linda camponeza napolitana, que morrerá ao dar ao mundo o primeiro e unico fructo de seu amôr.

Angelo era muito joven para prever o futuro, e muito amoroso para deixar por um momento o querido pai, motivo pelo qual não pensava no que em breve lhe ia succeder, e se maguava immensamente quando via seu pae accommetido de qualquer accesso forte.

Tudo ia em paz.

O mar traidor estava tranquillo premeditado, de certo, uma traição.

As ondas vinham preguiçosamente beijar o casco do navio, enquanto um velho marinheiro escossez cantarolava uma melancolica canção de sua terra, repassada de triste nostalgia.

E o navio avançava sempre.

Tinha já navegado por muitos dias e feito muitas milhas, quando o capitão, sobresaltado, correu a prôa, e impaciente olhou muito para sudoeste.

Cahia a tarde.

Uma nuvensinha negra erguia-se vagorosamente d'além, engrossando sempre, até cobrir quasi que toda a cupula celeste. Ribombou o trovão. O mar adormecido começava a despertar.

Grande alvoroço a bordo: passageiros corriam espavoridos ao tombadilho. O oceano encapellado a sudoeste vinha se esten-

dendo enfurecido, encrespando a superficie calma das aguas. Fitas electricas zigzagueavam pelo espaço apoplectico.

O trovão ribombava atrozmente, e o raio, com estampido surdo, echoava por sobre o oceano revolto. O vapor debatia-se com as ondas bravias, e a tripulação desorientada corria de um lado e outro espavorida arranjando, aqui a mastreação abalada, alli, um cordame rompido por uma vaga mais forte, e todas tinham receio e todos se recommendavam aos céus.

Subito um estrondo enorme, inqualificavel, fulminante se ouviu. O vapor tremeu com violencia, quasi naufragou, e um grito de pavor partio da tripulação perpexa. Houvera arrebetado a caldeira.

O navio fôra jogado em pouco tempo para ás costas d'Africa.

O capitão, pallido e impassivel, commandava com uma presteza admiravel! Em poucos dias o monstro marinho estava completamente forte para lutar com o oceano.

Estavam na Algeria quando o commandante deu voz de partida.—*A tempestade cedêra.* O oceano acalmára-se.—Agosto resplandecia de belleza.

Morria a tarde.

Lá do picaro de uma montanha, um leão impassivel a altivo, com a juba immovel, fitava, melancolico a lua ensanguentada que erguia-se vagorosamente, espe lhando-se na immensidade cerulea das aguas.

* * *

Com os contratempos da viagem o pobre tísico peiorara sobremodo. Aos rogos de Angelo, a infeliz creança, o capitão compadecido consentio que o genovez fosse transportado para uma cabine de primeira classe, onde elle espera melhorar na vã esperança daquelles que já soffreram muito. Pobre homem que embala assim uma illusão prestes a morrer!...

O seu estado era deploravel; peorava de dia a dia. A sua tísica transformára-se em galopante. Em jactos enormes de sangue elle expellia aos poucos o pulmão affectado.

Era uma manhã nublada. Fazia frio; elle entrevendo a morte que lhe pairava sinistramente sobre sua cabeça, chamou o pequeno e disse-lhe compungido e suffocado: «Filho meu, se eu morrer tú serás sósinho no mundo... Irás

até o teu destino... lutarás com muita difficuldade, arrostarás, de certo até miseria... mas não te desanimas... trabalha, trabalha sempre... e escuta bem, sê sempre honrado, embóra para isso seja mistér a morte... lucta, lucta como o teu pai que luctou sempre... desde a infancia, sempre honesto, sempre esperançoso... Pede a Deus, filho meu, que te proteja, porque se eu morrer será o unico que te poderá proteger...

Se, por accaso, te enriqueceres, volta a nossa querida Genova, e manda erigir um mausoléo em memoria de tua mãe.»

Angelo, coitadinho, soluçava, sentia-se ja tão só, tão pequenino, perdido no mundo e despresado por todos.—Não conhecia ninguém?! E soluçava, soluçava muito. O pae abraçando-o estreitamente chorou tambem—lagrimas de pae estremoso, forçado a deixar o filho entregue a mercê do destino, á inconstancia da sorte.

Ambos choraram, ambos adormeceram.

Era manhã. Estava sizuda e enrugada—a neve cahia e o sol escondia-se em tunica de nuvens frias e opalinas. O mar estava salpicado de estrellinhas.

O sino de bordo dobrava tristemente—O tísico morrerá. Um sacerdote depois de recommendar o cadaver procurou consolar a creança que, angustiosa, o pranto a suffocar-lhe, não queria abandonar o corpo do querido pae. Todos, a bordo, estavam magoados, todos tinham penna do choroso orpham.

O sino de bordo continuava a soluçar melancolicamente, indo o seu som morinbundo, de velho bronze perder-se além, no infinito.

Dois fortes marinheiros, cachimbando fria e insensivelmente, envolveram o cadaver num lençol branco como alvadias vellas de pescadores, e depois de atarem uma barra de chumbo no corpo hirto, levantaram-no e com um impulso forte jogaram-no ao mar guirlandado de ondas murmurosas. Um ruido surdo, como o do tombar de um esquite na fria sepultura de um triste cemiterio, ouviu-se, e immediatamente o antro-mar abrindo-se, encarcerou em seu abysmo insondavel e monstruoso mais uma victima. O mar murmurando endeixas continuava na sua ondulação pacifica.

Angelo encostado a um mastro fitava imbecilmente o logar onde se sumira o seu Deus—o pae

A PEROLA

extremoso e idolatrado. Quem sabe se pensou: Pobre pae!... dormes na immensidade das aguas,... quiz o destino que tivesses por tumulo o oceano—e emquanto repousas ahi tão só, no meu coração triste como o canto da coruja, foi sepultada a alegria. As outras creanças são felizes e eu soffro tanto meu Deus! Os outros tem uma mãe bondosa que os acaricia, que os beija, tem uma vovó que lhes conta historias engraçadas, tem um pae que os ama veramente, entretanto, eu, sósinho, no mundo... orpham de pae e mãe, sem ninguém que, compadecido, me proteja; entregue a desapiedade da sorte, á tempestade da vida, sósinho e com a alma amortalhada no negror da desgraça, Lembrou-se então da escola, dos seus companheirinhos, de sua patria, distante e, como que sahindo da lethargia que o envolvia, murmurou dolentemente:

—*Povero di me io sono infelice...*
E chorou. Lagrimas! Gottas embalsamadoras que consolam! lagrimas! Abençoado lenitivo que leva no seu involucro mysterioso um bocadinho das dôres que nos pungem, que nos apunham o coração despedaçado.

* * *

A cerração cada vez mais intensa, enfumaçava o oceano, e o sol, de quando em vez, rasgava a penumbra que o escondia e patenteava a sua cara branca e languorosa como a de um inglez em *Spleen*, esfaqueando o espaço nevado com os seus raios brancos e mornos.

A MORTE DO CARDEAL

A' D. NINA.

I

Illusões — farrapos de arco-iris que passam levados pelo vento da imaginação dos adolescentes; sonhos — momentos deliciosos por que passa a alma; amor — phase da vida predicado do homem que delicia o espirito; gloria — phantasma, visão ridente que attrahe, com o seu magnesium, os sonhadores; nome immortal-abysmo voraz que chama a si os ambiciosos; tudo isso passa como brisa fagueira que o favonio impellio e desfez em vento, tudo isso se desmorona, tudo isso se abate ante um poder invencível: — a Morte!

II

Os olhos simi-cerrados, fitos nos de sua senhora, como o morto que, no ultimo extertor da agonia, fita o Crucifixo, o cardeal debatia-se, numa convulsão.

E' como o dizer:

«essas dôres são para mim outras tantas flôres» elle ainda cantava.

A um canto do convez um marinheiro bebedo rouxinoleava uma aria escossesa, com um vozear puro e crystalino, mas triste e commovente (o alcool muitas vezes purifica a voz e fortifica o peito.) O bebedo cantava. De repente cessou — adormecera. Angelo soltou um longo suspiro triste e magoado como o canto do cysne no extertor da agonia. Passaram dias. Angelo constantemente no tombadilho revivia o passado morto com immensa saudade — sentimento sublime, que embala o passado num mixto de alegria dolorosa, e de desejos vagos, da resurreição de tempos que já se foram.

Muitos dias depois de calma viagem avistava-se ao longe no horisonte ruborisado, uma fita negra que aureolava o extremo do mar — Era o Brazil.

A tripulação cansada estava contente e o navio corria com mais velocidade, cortando em linha recta a ondulosa brancura das aguas. A fita negra ia crescendo sempre. Já se avistava de perto as bellas montanhas do Rio de Janeiro — O Pão de Assucar, lá á um lado, erguia-se com a sua negrura coroada como um phantasma encrepado.

Lançaram ferro. O navio parou, toques de desembarque. Grande confusão e importunante zum-zum. Angelo sentiu-se deslumbrado ao entrar na mais bella de todas as bahias do mundo — bahia do Rio de Janeiro, na rainha dos mares.

O sol naufragava ao longe. Fallecia o dia.

O menino desembarcou e, meio

idiotizado sentou-se no cães onde esteve muito tempo acompanhando com a vista as lanchinhas velozes que, voavam sobre as aguas, como gaivotas assustadas.

Angelo começou a sentir fome, — Levantou-se e caminhou vagarosamente, sem rumo, sem direcção certa.

Descia uma das ruas estreitas e tortuosas, quando ouviu ao longe em um café cantante, os soluços de uma harpa melódica acompanhada por doce cançoneta napolitana — predilecta de seu pae, cantada por elle em tempos felizes, e com dorida saudade balbuciou: *Povero di me io sono infelice.*

JOBÁ.

AMOR DE CRIANÇA

Que saudades eu tenho quando nas tardes de Maio, a hora em que o sol no occaso envia á terra as ultimas filagranas d'ouro dos seus raios bruxoleantes, ouço o sussurro subtil do Zephiro, que passa nas petalas das rosas, que exalam perfumes, como que tangendo instrumentos desconhecidos, parece executar uma melodia que só aos anjos é dado comprehender; ouvindo o trinar dos passaros que volvem aos ninhos, o murmúrio da vaga que rasteja docemente na praia n'uma carícia ineffavel, acompanhando com a vista alguma branca pomba cortando o espaço em volteios rapidos a busca talvez de alguma região mais pura.

N'essas occasiões minh'alma se

alli, empalhado embalsamado, redivivo a animar saudades a recordar momentos roseos de um abandono feliz.

Quem sabe si os seus cantos não tinham um quê de mystico, de religioso, que levava a alma remeniscencias pungentes, si não haveria nelles, a nota predominante de uma vida ephemera, passada sob os docéis de um sonho?!

Era por isso necessario tiral-o ás vistas de quem o tinha amado tanto para não exprobar-lhe a dor latente que crucia e mata, para não animar o santo mysterio da paixão.

Para onde vão as almas dos passaros quando morrem?!...

Quizera saber!

E no emtanto penso que, quando na terra, elles têm pertencido a creaturas que tem a virgindade immacula, pura como a primeira pennugem da garça — ellas vão para o mesmo logar a que se recolhem as almas das donzellas mortas na flôr dos annos, extasial-as com barcarollas lascivas que lembram éstos de primeiro Amor!...

O cardeal tinha, na verdade, uma existencia florida, despre-

emmerge em profundo meditar, e como a noite que aos poucos vem cahindo, no meu coração um peso enorme tenta esmagar essa planta damninha que, quanto mais se procura aniquilar mais vive, a Saudade.

Quando os sinos tangem festivamente as notas d'Ave Maria, chamando os fieis a predica, eu lembro-me dessa criança loura que tanto amei, e, como a rosa que o tufão desfolha, morreu espargindo petalas — sorrindo-se.

Tinha apenas onze annos, e estimava-me deveras, eu bem o sabia, nos olhos ternos e vivos, eu via reflexar-se o nobre sentimento que lhe avassalava a alma tão pura.

Eu admirava-me, como uma criança podia alimentar um tal sentimento: Amar um rapaz muito mais velho; por minha vez estimava-a tambem, mas era uma amisade extraordinaria, difficil de explicar, amava-a tanto como a minha mãe, estimava como minha irmã, e só pensava nella, pobre flôr, que, ao desabrochar, morreu, tão criança, tão bella.

Quando nas tardes de Maio ella ia brincar no jardim de sua casa com as borboletas, suas companheiras, eu tinha receio que a machucassem, ella era tão mimosa; quando o Zephiro impellia as flores eu temia que me a levasse; e quando acontecia alguma flor tocar-lhe a face, eu tinha receio que a polluisse, como a camelia quando alguém lhes toca ella era tão candida.

Quando ella morreu, eu que nunca tinha chorado, chorei, e

occupada; na sua habitação, — uma gaiola em forma de castello, tinha balanço em que se deleitava.

A gaiola estava collocada em frente a bandeira de vidro de uma porta, e mal a aurora apparecia, e elle via nos vidros o primeiro signal de dia, novos horisonte que para elle se rasgavam punha-se a cantar, e cantava tanto que todos os outros passaros arrebatados pela magia daquelle canto, concertavam, com elle uma symphonia primorosa, threnos vaporosos.

A sua senhora, quando entristecida punha-se a ouvir-o com religiosa attenção, e, como expressão de contentamento deixava que um sorriso — verdadeiro estalar de crystaes — lhe enflorassem os labios, o cantar sonoro daquelle passaro tinha para ella segredo ignotos, phrase sublimes, poemas elevadissimos, dificeis de comprehender não sendo duas almas, iguaes irmães, no pensar, irmãs na puresa — como a de uma moça e a de um passaro...

No dia em que elle morreu quantas lagrimas — como si um collar de perolas se houvesse desfeito — não aljofraram o semblante dessa moça?!

A PEROLA

quando o seu corpo baixou á sepultura um golpe enorme feriu-me o coração.

Mas o que resta agora desse amor talvez, tão original, profano, nada mais do que uma muda de jasmin do Cabo que plantaram na sua sepultura; e quando, á noite, a lua em pleno ceu, illuminando a terra, clareia a janella do meu quarto, onde está o vaso com o jasmineiro, eu penso que é a luz dos seus olhos, e se sopra a aragem julgo que é ella que o vem beijar.

MARPI.

PARECIA UM SONHO!

I

Em S. João d'El-Rei.

Nem uma estrella refulgia no firmamento.

A lua tinha-se recolhido a um bastidor de nuvens negras.

Tudo era silencio.

Um vulto aproximou-se do Largo das Mercês e dirigiu-se para o lado do campo.

Uma virgem adormecida, languidamente reclinada em seus braços, era a sua unica companheira.

Sigamol-o.

Eil-o que sóbe pelas cumiadas dos montes.

Parou.

Um assobio estridente partiu pelo espaço emmudecido e foi repercutir lá ao longe, muito ao longe, entre o negror das trevas.

Minutos depois outro assobio respondeu a este.

Que dôr immensa não sentio?!
Que trespassar amargo o seu coração não soffreu?!

III

Prestou-lhe tos os cuidados, todos os soccorros, aconchegou-o ao peito, beijou-o até, isso seria o bastante para fazel-o viver e no entanto—recurso impotente—o misero morreu, e ellá coitada, amargurada, tristonha, carpio aquella dôr.

Depois de morto deram-lhe as honras precisas.

Com uma caixinha de brinquedo fizeram-lhe um esquife, calçaram o seu corpo com algodão roxo, e, depois de amortalharem-n'o, amarram a tampa do caixãozinho com uma fita de sêda azul, igual a nesgas de Céu,—e enterraram-n'o.

* * *

Pobre passaro!

Morrestes na quadra florida da vida, quando ainda desabrochavam, para a tua illusão, as flôres de um prazer almejado, quando guardavas ainda, num recanto do peito, uma esperança—ultimo consolo de amôr fanado—quando instrumentavas nas cordas do peito os accôrdes brandos, que lem-

Momentos passaram-se em completa mudez.

Ora um cão latia; ora um gallo cantava; ora o grillo, com seu monotono cri-cri, monologava no meio do silencio e das trevas.

Um pyrilampo passa faiscando a sua luz esmeraldina...

Uma lanterna vem-se aproximando do vulto que deixámos cá, no pincaro do monte, em profunda meditação.

Chega mais perto.

Descobre-se agora um homem que sustem a lanterna.

Subito um vulto corre ao encontro do outro.

Fallam, gesticulam, segredam e... seguem por fim.

A virgem conserva-se ainda adormecida, mas com nma respiração longa e cavernosa.

Pararam.

Ao leve bater de um dos vultos, abre-se a porta de uma gruta que lhes dá passagem.

Homens mettidos em camizolões vermelhos, trazendo todos um capuz pela cabeça, sustem grossos archotes acesos, enquanto outros, agachados ao chão, revolvem ouro.

Ao canto da espaçosa sala de pedra, via-se uma dessas camas improvisadas, campestres, composta de quatro forquilhas, paus atravessados, e um simples colchão, feito de palhas de milho.

Ahi deitaram a virgem.

II

A noite passou silenciosa,

Na gruta, que era agora illuminada pela luz morticia de uma

bram melodias Cecilianas, para entoares um dia proximo, um hymno magistral saudando um noivado.

Morreste sim! abandonastes a vida, voastes para uma região onde não se soffre, e fostes feliz na vida e fostes feliz na morte.

Choraram a tua perda, prestaram-te homenagens—e, no entanto, ha outros cantores como tu—os poetas que amam,—que passam a vida a cantar, e que morrem na enxerga humida de um hospital, sem terem mão caridosa que lhes feche os olhos, sem terem prantos que os lamentem.

Tu não! Morrestes na alfombra de um collo estuante, tivesse na mão amiga que te cercou os olhos—tivestes um esquife

—E tudo isso porque?!

Porque não eras ignorado, não eras ambicioso—os outros morrem assim miseraveis, esquecidos, villipendiados, porque não tiveram a ventura de—mesmo escravos—pertencerem a uma virgem. Porque queriam que os seus cantares tivessem echo.

Felizes os que morrem como tu.

candeia, só se ouve o longo respirar daquelles entes criminosos, misturado com o de uma virgem pura, violentamente raptada da casa de seus paes, que haviam ficado sonambulizados pela força irresistivel de um narcotico.

E a virgem, do mesmo modo, adormecêra.

Sonhos, sonhos de primavera, candidos sonhos... sonhos, unicos momentos felizes dos desgraçados...

Ella sonhava.

Seus sonhos, de uma alvura arminosa, eram puros como as criancinhas innocentes.

Emquanto o seu pensamento viajava pelo paiz, bonançoso do idéal, seu corpo, atirado em uma enxerga tão dura quanto a audacia dos criminosos, tornára-se o fóco para onde sómente convergiam olhares peccaminosos, olhares impuros e em breve sua alma se immacularia com a convivencia daquelles desgraçados.

III

Amanhecêra emfiu.

A aparição do dia é um sorriso da natureza, o da noite o seu momento de seriedade.

Sorria, pois, a natureza, mas com um sorriso desbotado.

Era por uma dessas manhãs nevoentas de Agosto, em que tudo nos gela a alma, tudo nos entedia...

A gruta estava sendo theatro de um tragico espectaculo.

«Lili (como a chamavam em casa) despertára. Vendo-se no meio de homens totalmente desconhecidos, lembrou-se de que, na vespera, havia (pensava ella)

A morte, deve ser um anjo de azas lucidas, quando é recebida num leito igual ao teu.

III

A noite é triste.

Cahe uma garôa penetrante e fina—sudario pardo que envolve as cousas—o vento gemedor passa nos arvoredos que resam uma imprecação, e as estrellas refulgem avidamente, como um Sabbat demonios em orgia, a lua pare um facho de fogo fátuo tem a palidez cadevorosa dos mortos.

Um grupo—as passadas taciturnas caminha por uma rua do jardim, uma moça, leva de baixo de uma mantilha uma caixa é um esquife, é o caixão que encerra o corpo do cardeal.

Ao pé de uma arvore, no recanto mais calado desse retiro, para.

Um rapaz lutosamente vestido de preto, abaixado, tira do bolso um pequeno machado e excava a terra.

E tal é impressão da Morte, causa em nós tal sensação que tudo se nos afigura horrendos phantasmas.

Eu um dos piedosos romeiros,

sonhado com um homem que queria raptal-a; porém vendo o seu sonho transformado em realidade, bradou colericamente:

—Miseraveis! Fostes arrancar das mãos de seus paes a filha que lhes era a unica consolação, a unica alegria para elles neste mudo vil! Fostes separar entes que se amam verdadeiramente e que não podem viver um sem outro. E tudo isto porque? Para que fim? Não o sei; mas o tributo não o tardareis a pagar! Consolo-me como me tenho consolado com os horrores todos desta vida, esperando que se foi a peso de ouro que comprastes a alegria de uma familia, brevemente porém, ha de chegar o vosso arrependimento.

Annuii immediatamente.

S. Paulo, Maio de 99.

ORLANDO GOES.

(Continúa)

?...

Todos os nomes são bellos, Traduzem lendas, primores, beijos, encantos, anhelos, penumbra, luzes e flôres.

D'entre os muitos, um, sómente, tem divina tradição, ante o qual se humilha o crente em solemne adoração:

O de minha amada... este goza eterna hierarchia!
E' virgem, docil, celeste;
Vive co'os anjos—MARIA!

S. Paulo.

A. Pinheiro.

Julguei ver alli um perfetio cemiterio.

Na cidade dos vivos como na dos mortos, ha a differença das condições; as casas appareciam-me como tumulos, uns ricos, outros pobres.

As arvores tinham o aspecto de esguios cyprestes, e as pedras das calçadas, lapides singellas de sepulturas pobres.

O moço, entristecido, tambem continuava a cavar.

Os sons daquelle instrumento tinham, para mim, o ruido surdo e cavo das enxadas das coveiros.

Até que a sepultura ficou prompta, enterraram o cardeal.

Por despedida ainda, um ultimo adeus, algumas lagrimas engrinaldaram aquelle tumulo.

Passaro nascido, talvez no bosque, a sua sepultura é digna de ti; logo, a noite virá tambem na tua campa.

E no mundo ficou alguém que te amou que sem recordações de ti e que te chora...

Toda a vida se cifra nisto.

S. Paulo, 15—6—99.

TREVÔES DE PINHO

A PEROLA

ENGEITADINHA

N'aquella casa isolada
Vive com uma velhinha
Já dos annos curvadinha
Uma pequena engeitada;

Tem seis annos, (coitadinha!)
E do mundo abandonada,
Vivendo muito acanhada
Co'a sua bôa madrinha,

Que as vezes lhe perguntando:
—*Papai onde está, Lili?*
E a engeitada, chorando,

Amargamente sorri,
Os olhos no céu fitando,
Responde: — *Papai tá li.*
S. PAULO, 10—11—98.

ALFREDO Boucher J.^{or}

ELECTRICOS

II

M. A. B. Branca, muito branca, com uma rosa desmaiada nas faces. Os olhitos muito negros, muito vivos e maliciosos. dançam nas palpebras como duas bolhinhas de velludo. Portezinho airoso—graciosa e gentil como a andaluza que, nos requiebrados voluptuosos, a todos encanta. Sua boquinha—ruborisado morango, talhado por faca de marfim, contém por certo o adocicado nectar das flôres. Ao lado de suas bellas qualidades physicas e moraes juntaremos um grande defeito:—é o orgulho inaudito que possui, mas que, com o tempo, se extinguirá por certo, pois tem um candido coração de angelical pureza.

JOBA.

A ALMA DO OUTRO MUNDO

«A ARTHUR AZEVEDO»

Irêne, não podendo por mais tempo conter sua anciedade, de novo se dirigiu a seu Pai, que tambem por seu turno começava a se impacientar.

Elle, a instancias de sua pupilla, tinha deixado a boa palestra, que gostosamente entretinha com os seus velhos amigos e vizinhos. Ella, indifferente ao ruido dos pares que rodavam ao som das harmoniosas e melodicadas valsas, lá na grande sala de jantar, n'aquelle dia transformado n'um bello salão de *soirée*, vistosamente ornamentado; tambem tinha abandonado a companhia, momentos antes tão agradável a ella, das suas bôas amiguinhas.

E ambos, no alpendre da frente do velho casarão da Fazenda, procuravam divulgar qualquer cousa para as bandas do *atalho*.

—«Mas não é possível que seu Cardozo nos pregue esta peça... Pois ha muito que elle sabia que eu pretendia festejar condignamente teu anniversario. Ainda hontem deixei recado no Maneco da Villa, avisando-o e pedindo-lhe que não faltasse.»

—«Tem razão, Papae, não creio que elle seja capaz de faltar propositalmente. E' possível que lhe tenha acontecido qualquer cousa, que Deus o livre... Mas, quem sabe Papae, se elle se resentiu de não ter tido ainda resposta do seu pedido... Eu bem lhe disse, seu Cardozo é moço de brio e de genio, como Papae está demorando em lhe responder...»

—«Qual historias, então seu Cardozo, intelligente como é, não terá tino sufficiente para comprehender, que se de minha parte houvesse qualquer opposição, e que se não tivesse julgado digno, o teria tão insistentemente convidado para esta nossa festa?...»

Dialogavam desse modo e a conselho de seu bom Pae, que não achava compativel com a temperatura que reinava fóra, o *toilette* de Irêne, que si dispunha a entrar, quando, depois de ter dado dois passos, voltou-se rapidamente; pois o ruido que ouvira parecia-lhe ser o da porteira da mangueira, que se abria. Justamente n'essa occasião uma pezada nuvem encobriu a lua que a bem pouco começava de apparecer, o que não impediu que n'um dos tres cavalleiros que se aproximavam, tivesse ella reconhecido áquelle que lhe tinha feito soffrer uma anciedade impossivel de descrever-se. Mas, o mesmo não aconteceu com o Comendador, pois que, com a sua voz forte, deu o brado usual em nossas Fazendas.

—«Quem vem lá?!...»

—«E' de paz», lhe respondeu um dos cavalleiros, em quem logo reconheceu elle o seu Cardozo.

Irêne, ligeira, qual uma gazella, jogando para o lado a tristeza que por instantes annuviou-lhe a frente, foi installar-se no lugar de honra que lhe competia.

—«Já não foi sem tempo o seu reaparecimento, pois as suas amigas, em grupos de tres e quatro, revolviam todos os cantos da casa a sua procura.»

Os musicos ha muito que descançavam, formando côro com os bocejos das matronas; emfim a presença de Irêne foi a alegria, a reanimação dos convidados.

Não menos notada estava sendo a falta do *Rei dos Salões*, como o appellidavam. E' o que explica, o murmurio que atravessou o salão em seus quatro angulos, a alegria que radiou na frente de quasi todos os convidados, com a repentina appareção do snr. Cardoso, que foi introduzido e apresentado pelo bom Comendador.

Não lhe foi preciso grande esforço, para divisar entre um grupo de moças, cada qual mais radiante, a sua amada; seus olhares cruzaram-se qual um relampago. Distribuindo cumprimentos pelas pessoas presentes, não deixava um só instante de admirar o gosto artistico que a mais pequenina

cousa, o mais singelo enfeite revelava; em tudo via elle a mão minosa de sua querida Irêne.

Jámais em festa alguma tinha admirado tanta harmonia, tanto luxo e especialmente tanto gosto. Mas essa admiração nada foi, em relação á que experimentou quando se achou ao pé de Irêne. Realmente, a sua formosura n'esse dia, estava no auge do esplendor. Do verdadeiro extasi em que se achava, tirou-lhe a vozinha sonora de Irêne.

—«Antes de tudo, tenho a agradecer-lhe o sumptuoso mimo com que dignou-se honrar-me, e deixe lhe dizer de passagem, tem causado admiração a quantos o vêem; tambem outra cousa não se podia esperar do seu bom gosto. Mas creia, que isso não me impede de pedir-lhe uma explicação, pois, fez-nos experimentar um desassocego incrível; acredite que já começava a zangar-me.»

—«Perdão, minha boa menina, jámais pensei que um incidente tão insignificante me fizesse incorrer na justa censura de VV.^{as} EEx.^{as}»

—«Incidente!?!... O snr. disse incidente?!... qual foi? Diga-nos pelo amor de Deus.»

—«Não se assustem, não se assustem, não é cousa de importancia. E' um incidentesinho que não deixa de ser um tanto comico e que lhes vou narrar, pois sei que lhes divertirá.»

Tanto bastou, para que, em redor do moço, se agglomerassem não só as moças, como mesmo todas as pessoas que se achavam no salão, até os proprios musicos.

—«Se me permitem principiarei.»

—«Pois não, pois não, contenos. Somos todos ouvidos.»

Animado por essas palavras pronunciadas n'um só tempo por quasi todos os presentes, resolveu-se realmente a começar.

—«Principiarei por dar um titulo a meu conto e procurarei revesti-lo da maior naturalidade possível, para melhor me tornar comprehensivel. Seja elle, portanto, baptisado da seguinte fórmula:

A Alma do outro mundo

S. Paulo, 6—99.

OGRAMAC LEGNAR.

(Continúa)

NO ORIENTE

(Lenda)

Seguia... Deixava o Ganges, rio cujo murmurio beija as praias de coraes. Abandonava os pagodes collosaes do deus Brahma, ia buscar, longe da Patria, um tumulo, talvez.

A fome, porém, o torturava, pallido, com as faces encovadas, tinha o aspecto da morte. Volveu em torno os olhos assombrados.

Ninguem!... Era a serenidade negra e immota da catacumbas.

Com a energia reunio as suas forças, ao céu ergueu o olhar, e do peito arrancou pavoroso brado, que foi bater nas portas do infinito! Não ouviu morrer o angustioso grito no extremo do horizonte: desmaiára

Geme o vento na amplidão celeste, — cupula immensa de um sepulchro enorme. Ergue-se a lua como um ferro em braza, e seus raios beijam os cyprestes, que além negrejam.

Tornou a si Naquita. Como um somnambulo balbuciava: Ninguem!... ninguem me escuta!... Anhele a morte. A morte é o termo da desgraça, é, para o justo, a noite de um bom dia, e a morte — é nada, a eternidade — é tudo.

Do sólo adusto surge, não se sabê como, um homem de gesto nobre, louco poeta como fóra Tasso!

Como soberbo passo adianta-se e assim falla:

«Vem Naquita, em minha cabana, apprender a doutrina do bem e da verdade. Lançarás depois a sacrosanta semente a um povo heroico e constante. Confiado em ti, o fraco affrontará a tyrannia do forte, o humilde rirá das soberbas do poderoso.»

Iluminado! Tua religião será a Aldebaran do Oriente!»

SILJAR.

“A PEROLA”

Os nossos Directores, tiveram necessidade de se ausentarem de S. Paulo por algum tempo, afim de tratarem de negocios relativos á *Perola*, o que deu causa a demora deste numero.

Pedimos por isso indulgencia da parte dos nossos assignantes.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno 10\$000.

Semestre 6\$000.

Pagamento adiantado

Toda pessoa que nos enviar a importancia de sua assignatura, deve fazel-a acompanhar de uma carta ou cartão, com seu nome afim de destacarmos das outras.

Correspondencia:

Redacção d'*A Perola*—Rua Bento Freitas n. 25—S. PAULO.

Todas as producções litterarias só serão publicadas depois do julgamento dos Directores e dos Redactores.

Quem não nos enviar o 5.º numero d'*A Perola*, será considerada assignante.